

PROJETO VERÃO OU PROJETO EXCLUSÃO?: A MEMÓRIA DE UM CORPO SILENCIADO

Ana Paula Picagevicz¹

Alexandre Sebastião Ferrari Soares²

Isabela Karolina Gomes Ferreira Oliveira³

O corpo, mais do que nunca, está em cena.

Território construído por liberdades e interdições, e revelador de sociedades inteiras, o corpo é a primeira forma de visibilidade humana. O sentido agudo de sua presença invade lugares, exige compreensão, determina funcionamentos sociais (SOARES, 2006, p. 1).

Cria formas disciplinares e instiga interesses de diferentes áreas do conhecimento. Hoje, são inúmeros os caminhos que podemos percorrer para observá-lo, pois há várias e novas formas para (re)conhecê-lo, “assim como possibilidades inéditas de estranhá-lo”, como afirma Sant’Anna (2006, p. 3). Por isso, pensar em sua historicidade implica adentrar em um emaranhado de acontecimentos que permitem observar imagens corporais distintas, que ora despertam estranheza e inquietação, ora bem-estar e beleza. Aquele que, em tese, seria parte da individualização do sujeito, passou a ser moldado à vontade pela cultura e pelos ditames de beleza de cada época (VIGARELLO, 2006). Neste sentido, entendemos que o corpo está relacionado às suas condições sócio-históricas e ideológicas e, em razão disso, pesa sobre ele diferentes determinações estéticas.

Retomando a sua história, é pertinente ressaltar que corpos gordos sempre existiram (FOXCROFT, 2013). Este corpo outrora já foi desejado, privilegiado e buscado, pois estava atrelado à fartura de comida e dinheiro (SANT’ANNA, 2014). No entanto, podemos observar, ao longo do tempo, a promoção de seu afinamento, a acentuada vigilância no tocante à silhueta “perfeita”, a rejeição da gordura e a supervalorização do perfil magro. Nesta perspectiva, compreendemos que há, atualmente, um imaginário social sendo construído em torno do que seria um corpo feminino “ideal” e que elege o padrão magro como o representante do belo. Se, por um lado, há um corpo idealizado sendo propagado, por outro, é possível pleitear que há um sendo silenciado.

É com base nesta apresentação sumária que buscamos, através da Análise de Discurso (doravante, AD) de base materialista, refletir sobre o enunciado “Corpo de verão” e as suas derivações: “Projeto verão”, “Corpo de verão o ano todo”, “Verão à vista: agora é hora de cuidar do seu corpo”, presentes em anúncios de clínicas de estéticas, academias, revistas, *blogs*, etc., uma vez que entendemos que trabalhar sob uma

¹ Doutoranda e bolsista CAPES pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestre em Letras pela mesma Instituição de ensino. Graduada em Letras pela Faculdade Assis Gurgacz.

² Doutor, docente dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

³ Mestre e graduada em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Atualmente, é doutoranda e bolsista CAPES pela mesma Instituição de ensino.

perspectiva discursiva possibilita compreender os fatores socioculturais, ideológicos e mercadológicos que atravessam os sujeitos e os seus corpos. Nas palavras de Orlandi (2012, p. 95), “o corpo não escapa à determinação histórica, nem à interpelação ideológica do sujeito. O corpo não é infenso à ideologia. Por isso pode ser tão afetado como o é em nossa sociedade de consumo, de mercado, de tecnologias”.

O corpo, para a abordagem teórica a qual nos filiamos, deixa de ser apenas empírico e passa a ser discursivo (ORLANDI, 2012; FERREIRA, 2005, 2013, 2015). Ele é mais do que um objeto teórico, é dispositivo de visualização do sujeito e da cultura que o constitui (FERREIRA, 2015). Ele significa e é também significado sócio-histórico e ideologicamente. Assim sendo, é possível dizermos que os sentidos sobre o corpo já nos são dados, a sua forma, as suas curvas e o seu tamanho já se encontram determinados pelo viés da cultura, da história e dos princípios ideológicos de cada tempo.

Em razão disto, trabalhamos com um corpo já significado por uma memória. Para a AD, a

Memória não deve ser entendida aqui no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador (PÊCHEUX, 2020, p. 46).

Afirmar isso é também compreender que ela está relacionada com a discursividade, isto é, a memória se refere a um saber que faz com que, ao falarmos, as palavras façam sentido; ela diz respeito à recorrência de dizeres que irrompem em um determinado período histórico, sendo atualizada ou esquecida segundo o processo discursivo: ela é sempre um ‘já lá’ do discurso (ORLANDI, 2020). À vista disso, colocando em evidência o nosso objeto de estudo, podemos perceber que o corpo vive um decurso de mudanças quanto a sua estética. Deste modo, quando o sujeito toma a palavra e elabora os seus discursos, sob efeito do esquecimento, apaga-se a ele que esses discursos preexistem (PÊCHEUX, 2014), pois já foram ditos por outros sujeitos e em outros lugares. Então, os dizeres já produzidos sobre o corpo “ideal” para o verão vão sendo retomados e os sentidos vão sendo regularizados para constituírem uma memória sobre o corpo.

Courtine (2014, p. 105, grifo do autor) afirma que a “memória discursiva diz respeito à *existência histórica do enunciado* no interior das práticas discursivas”, que por sua vez são regradas pelos aparelhos ideológicos. Retomando essa afirmação, Indursky (2011, p. 85) lembra que isso se dá porque a memória diz respeito aos enunciados que se inscrevem em uma Formação Discursiva (doravante, FD), lugar em que recebe o seu sentido. Por conseguinte, ela não abrange todos os sentidos possíveis, apenas os que são autorizados pela forma-sujeito no domínio de dada FD, pois “a memória discursiva também diz respeito aos sentidos que devem ser refutados”, ou seja, explica a autora, ao barrar dado sentido, também o é a partir da memória que direciona para o que se pode ou não dizer em uma dada FD, “pois nem todos os sentidos estão autorizados ideologicamente a ressoar em uma FD”, assegura. Além disso, há sentidos produzidos no interior de uma FD que podem ser esquecidos em determinada conjuntura e em outra não (INDURSKY, 2011). Desta maneira, é possível compreender como se dá o funcionamento da memória na regularização do sentido do enunciado “corpo de verão”, que ao mostrar (no linguístico e na imagem) o corpo magro como representante do “ideal” para, por exemplo, usar biquíni, refuta-se a possibilidade de outro corpo ocupar esse lugar.

Assim sendo, o material selecionado para a pesquisa permite verificar - conforme as análises mostrarão - que há uma indústria mercadológica que propaga discursos que elevam o *status* da magreza,

ao passo que colocam à margem os sujeitos que não atendem a esse padrão. Compreendemos, portanto, que ao exaltar apenas um modelo de corpo e relacioná-lo à beleza, os demais modelos corporais, em específico o gordo, são silenciados e censurados: é o que não se pode/deve ter. Logo, é preciso modificá-los para que atendam ao perfil imposto e, assim, passem a receber valorização social, como podemos observar nas Sequências Discursivas (doravante, SD's) que seguem:

SD 1: Sim, chegou aquele momento de 'agora ou nunca', **quando as pessoas sentem bater o desespero e a vontade de estarem 'bem na fita' na praia ou na piscina.** Pois o nome desse desejo de cumprir em velocidade recorde a partir de outubro a promessa que foi feita em janeiro, tem nome: **Projeto Verão.** (EVO, 2019, grifos nossos).

SD 2: **Projeto verão: corpo dos sonhos, aprenda a emagrecer 7kg em 30 dias.** (CAMPO GRANDE NEWS, 2020, grifos nossos).

Hoje, o poder do olhar do outro sobre nosso corpo é muito mais invasivo do que em outros tempos. A atual exigência de um corpo "ideal" faz com que os sujeitos busquem práticas de cuidados corporais, a fim de obter o corpo divulgado, insistentemente, nos mais variados meios de comunicação, valendo-se, para isso, de inúmeros procedimentos estéticos e cirúrgicos para 'conquistar', não sem custo, o "corpo de verão", como aponta as SD's 1 e 2.

Todo cuidado estético com o corpo diz respeito à visibilidade social que se deseja obter, pois "os cuidados físicos revelam-se, invariavelmente, como uma forma de estar preparado para enfrentar os julgamentos e as expectativas sociais", afirma Novaes (2013, p. 30). Neste sentido, lançar-se ou desvencilhar-se do olhar do outro está relacionado com os atributos estéticos do corpo. Deste modo, podemos dizer que o despir-se, no verão, apresenta duas faces: a) corpos moldados/malhados/definidos merecem ser vistos/mostrados; b) corpos dissidentes, ou seja, aqueles que não atendem ao padrão magro não podem (ou não deveriam) se pôr à mostra. É necessário, primeiramente, adequar-se, participando do "projeto verão", por exemplo, a fim de "emagrecer 7kg em um mês", obter o "corpo dos sonhos" e ficar "bem na fita" para, então, despir o corpo "na praia ou na piscina".

Nestas condições, constatamos que os corpos que se apresentam de um modo diferente do modelo estabelecido são levados à rejeição. Nesta perspectiva, a exclusão é o preço que o corpo considerado gordo 'paga' por estar em 'desacordo' com o padrão vigente. Esta exclusão, e aqui retomamos Orlandi (2017, p. 94), é uma discursividade "mantida por um imaginário atravessado por um poder dizer que silencia sentidos na base do processo de significação". Assim, observamos que há um funcionamento do imaginário social que direciona os sentidos sobre o corpo, organizando-os de forma que uns são valorizados/apreciados e outros não, dado às relações de poder e de força que regem o meio social. São elas, assevera a autora supracitada, que fazem com que as diferenças sejam silenciadas "em suas especificidades" e que signifiquem em relação ao imaginário que orienta as relações de sentidos.

Para a AD, o silêncio significa. Assim sendo, entendemos que quando um formato de corpo específico é exaltado e posto como o modelo a ser seguido pelas mulheres (e aos homens, porém de forma mais branda), um outro é silenciado. Esse silenciamento do corpo dissidente é da ordem do silêncio local, da interdição de seu funcionamento, isto é, trata-se de uma forma de censura (ORLANDI, 1997, 2017). De modo reiterado, é o que não se pode/deve ter. O silenciamento do corpo gordo é, pois, histórico, social e ideológico, ou seja, proibir que ele se apresente como um 'corpo de verão', é uma forma de censurá-lo e impedi-lo de produzir sentido, posto que os discursos que normatizam o "ideal" de corpo (midiático,

publicitário, mercadológico, etc.) orientam as práticas corporais e as técnicas de modelagem da aparência física e, por consequência, excluem o desviante.

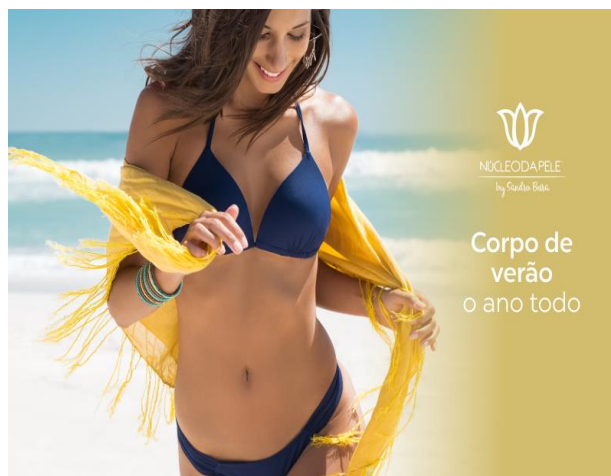
Neste contexto, o corpo gordo não pode ocupar determinados lugares, como a praia. E, a fim de ascender e ser aprovado socialmente, o sujeito deve buscar eliminar qualquer característica que desvie do padrão de corpo dominante. Em vista disto, os sujeitos são ‘convidados’ a ‘cuidarem’ do corpo e a se esforçarem o ano todo, como observamos nos recortes abaixo, com o objetivo de, no verão, serem recompensados, podendo expor os seus corpos em trajes de banho.

SD 3 – Recorte

a)



b)



Fonte: a) <http://clinicafranca.com.br/verao-a-vista-agora-e-a-hora-de-cuidar-do-seu-corpo/>
b) <https://nucleodapele.com.br/o-corpo-do-verao-e-esculpido-no-inverno/>

Para Sant’Anna (2014, s. p.), é a “prova da praia” que, todos os anos, reprova um “mar de mulheres”; essa massificação de publicidades com dicas e orientações para a manutenção do corpo, instigam a necessidade de vigiá-lo para atender a um determinado modelo: o magro. Ao nos voltarmos para o nosso *corpus*, entendemos como os deslocamentos que derivam da memória do corpo dizem como ele precisa ser/estar para ser aprovado na estação mais quente do ano. Com base na SD 3, percebemos que as imagens vêm para reforçar qual é o modelo de “corpo de verão” que as mulheres devem buscar a fim de atender aos ditames de beleza contemporâneos.

Conforme Bouazzouni (2019, p. 91), “é preciso trabalhar duro para estar apresentável na praia com o famoso ‘corpo de biquíni’”. Desta forma, a partir do enunciado “corpo de verão o ano todo”/“verão à vista: agora é hora de cuidar do seu corpo” e de acordo com as imagens presentes na SD 3, entendemos que há apenas um formato corporal apto para se despir “na praia ou na piscina”, como nos lembra a SD 1. Em vista disto, o sujeito que não atende ao padrão magro deve emagrecer para poder circular por esse ambiente e pôr o seu corpo à mostra.

É necessário problematizar também que a SD 3 se trata de um recorte de uma campanha publicitária e, em razão disto, ela busca influenciar, determinantemente, a relação entre os sujeitos e os seus corpos, incutindo neles a ideia de que para ter um corpo ‘adequado’ para o verão é preciso seguir o padrão magro e, conseqüentemente, investir tempo e dinheiro para ‘conquistá-lo’. Podemos perceber,

portanto, que o discurso sobre o corpo belo/ideal se respalda, sobretudo, na lógica do sistema capitalista/mercadológico. A sua propagação/divulgação é, sobretudo, um meio rentável. Segundo Orlandi (2012, p. 95), “o corpo de que estou falando é o corpo produzido pela ideologia capitalista”, que não cansa, apoiado pela publicidade, de conduzir ao consumo e gerar lucro.

Com base nas discussões até aqui realizadas, entendemos que a promoção estética da aparência conta, por um lado, com a publicidade como colaboradora da propagação de um formato “ideal” de corpo e, por outro, com o silenciamento de um corpo investido de historicidade, mas que ‘foge’ do padrão imposto: o gordo. Neste sentido, afirmamos que o discurso de “corpo de verão” interdita/proíbe o corpo gordo, ele é silenciado, censurado. Este corpo é estigmatizado, já que não se “enquadra” no padrão corporal aclamado socialmente.

REFERÊNCIAS

- BOUAZOUNI, N. **Feminismo**: quando o machismo se senta à mesa. Tradução de Fernanda Marçolla, Belo Horizonte: Quintal Edições, 2019.
- CAMPO GRANDE NEWS. **Projeto verão**: corpo dos sonhos, aprenda a emagrecer 7kg em 30 dias, 2020. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/conteudo-patrocinado/projeto-verao-corpo-dos-sonhos-aprenda-a-emagrecer-7kg-em-30-dias>. Acesso em: 20 out. 2021.
- COURTINE, J. J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.
- EVO. **Projeto Verão**: saiba como preparar a sua academia para atrair o maior número de visitantes. Disponível em: <https://evo.w12.com.br/blog/projeto-verao-na-sua-academia/>. Acesso em: 20 out. 2021.
- FERREIRA, M. C. L. O corpo enquanto objeto discursivo. In: PETRI, V.; DIAS, C. (org.). **Análise do Discurso em perspectiva**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 99-107.
- FERREIRA, M. C. L. O corpo como materialidade discursiva. **Redisco**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.
- FERREIRA, M. C. L. Discurso: conceitos em movimento. In: FERREIRA, M. C. L. (org.). **Oficinas de Análise do Discurso**: conceitos em movimento. Campinas, SP: Editora Pontes, 2015. p. 11-23.
- FOXCROFT, L. **A tirania das dietas**: dois mil anos de luta contra o peso. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (org.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.
- NOVAES, J. V. **O intolerável peso da feiúra**: sobre as mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro: PUC Rio: Garamond, 2013.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- ORLANDI, E. P. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- ORLANDI, E. P. **Eu, Tu, Ele** - Discurso e real da História. 2. ed., Campinas, SP: Pontes, 2017.
- ORLANDI, E. P. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 55-66.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 2020. p.45-53.
- SANT'ANNA, D. B. de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. L. (org.). **Corpo e História**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 3-23.

SANT'ANNA, D. B. Da gordinha à obesa. Paradoxos de uma história das mulheres. **Labrys**: Revista de Estudos Feministas, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys25/corps/denise.htm>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SOARES, C. L. Apresentação. *In*: SOARES, C. L. (org.). **Corpo e História**. 3. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

VIGARELLO, G. **História da Beleza**: O corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Tradução de L. Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.